

DESTRUIÇÃO DE JERUSALEM POR TITO

Quando, deixando o borbolino insano da metrópole buínia e exaustiva, procuro descanso no pitoresco Morro de Santana, onde tão profundo e o silêncio que chega mesmo a impressionar docemente o espírito de quem já se desencantou de um ambiente onde a hipocrisia se apresenta com todos os seus catassóis, buscando-se das mais lindas cores camuflantes, de uma cousa jamais me esqueço: fazer acompanhar-me de livros.

Deixando de lado este preambulo que bem poderia não figurar aqui, quando vou penetrar no Santuario da Arte, entre as obras que trouxe, que não são poucas, encontra-se a "Destruição de Jerusalem por Tito", de Ribas Silveira.

E não me arrependo de juntar aos livros que trarei, trazer com eles, a "Destruição de Jerusalem por Tito". Em boa hora o fiz, gozando instantes deliciosos, que são lembrados continuamente pela rinda e profunda impressão deixada no meu espírito, avião sempre de belezas.

Neste poema epico, formado de 12 cantos, contendo 1608 octavas, ha um estudo consciencioso, com metodo e intelligencia, das origens do Cristianismo. E neste estudo ha proficiencia e largo descorrimo de historiador.

De este trabalho culmina pelas belezas que encerra e pompeia pelo fulgor que irradiia, agradando ainda pela doce naturalidade, de tascinos irresistíveis, resalta o valor de um poeta de raras qualidades, de esro de magia dominadora, onde se enressaca muita erudição.

Ribas Silveira é um verdadeiro poeta, de subido quinate. Poeta estelar.

Quando puruliam como cogumelos ver-sejaures sem alcance e desgraciosos, empaludecendo o céu da poesia, o que imenso entristece a quem admira a Arte, goza com a Arte, o espirito abre-se como uma flor aos primeiros beijos de um sol verdadeiro e se alcançadora alegre e satisfeito, em alegria desbordante e satisfação espraia-se, com a verdadeira poesia, com a poesia que prende e encanta, que atrai e enleva, que fascina e impressiona, que illumina e educa, que empoiga e instrui.

Es o que me aconteceu ao ler o poema epico "Destruição de Jerusalem por Tito", de Ribas Silveira.

Este trabalho de fascinação irresistível e inauzível atração, não somente pela espontaneidade e erudição do aedo de inapreciáveis dotes, mas inda por ser batejado por um ideal grandioso, superior, sublime.

Um ideal é tudo na vida. Sem ideal, homem não supera o irracional. Havendo ideal, ha palpitações, ha vibrações, ha movimento... Vive-se, pois. E uma vida, para fruir gozos, não pode passar sem um ideal. E, na verdade, não pode haver ideal mais belo, mais majestoso, mais fulgurante, mais radioso que o das letras. Esse ideal o tem Ribas Silveira.

E Ribas Silveira, aumentado pelo seu ideal, agita-se, move-se e guinda-se a alturas luminosas, alturas so alcançadas pelos eieitos de Deus. Dai, dessas alturas inatingíveis, o poeta admirável é como um sol, illuminando as letras pátrias, lá de Ponta Grossa, a graciosa cidade, a ridente e progressista cidade do Estado do Paraná.

Saber dirigir os pensamentos, coordena-

na-los com segurança e firmeza e, sobretudo com senso, se há quem juigue tarefa fácil, erra crassamente, por ser, no meu parecer, difícil, ardua, escabrosa.

Mas, apesar de todas as dificuldades, o poeta da "Destruição de Jerusalem por Tito" vence com facilidade, com pasmosa facilidade, apresentando com gosto e engenho este seu trabalho com prismatizações deslumbradoras.

A poesia de Ribas Silveira é sonora, musical, de magia feiticista, delectando o espirito tão suavemente que se tem a impressão de se estar sendo levado por entre aamedas de jardins misteriosos, de claridades aurífugas e de perfumes deicados.

A poesia de Ribas Silveira tem perfumes de rosas e cintilações de estrelas.

Avulta ainda o poeta por sua sensibilidade e sutileza, qualidades indispensáveis a todos os cultores da Arte e inalienáveis aos escritores.

Livro excelente, a Destruição de Jerusalem por Tito.

E livro que orienta com clareza a quem quiser se aprofundar na historia das origens do Cristianismo.

E livro que se impõe ao apreço dos cultores do belo. E livro que faz fulgir, entre os grandes poetas, o nome de seu autor: Ribas Silveira.

Alvaro Porto Alegre

(Da Academia Sul Riograndense de Letras).

— O O O —